

instituição

Dia Internacional dos Museus UBI comemora abertura oficial do novo pólo

A Real Fábrica Veiga está oficialmente transformada em mais um pólo do Museu dos Lanifícios. A sua inauguração ocorreu no dia 18 de Maio, data em que se assinalou o Dia Internacional dos Museus.

Eduardo Alves

Foram muitos os amigos e contribuintes "desta nobre causa de preservar a memória colectiva" que se reuniram na sala polivalente do novo pólo museológico da UBI. A UBI abre agora, de forma oficial, mais uma valência do Museu dos Lanifícios. Para a cerimónia foi escolhido o Dia Internacional dos Museus.

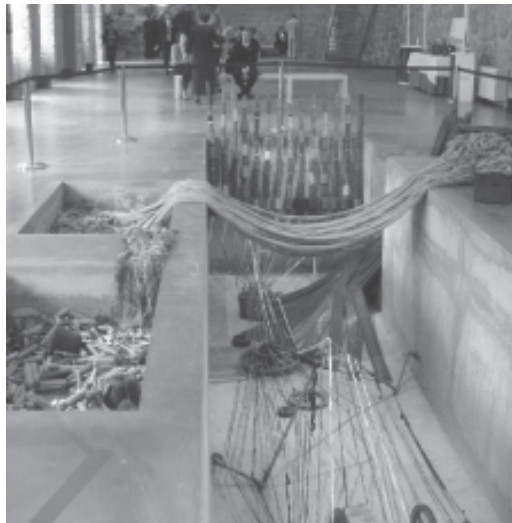
Em representação das entidades oficiais estiveram o vice-reitor da UBI, Luís Carrilho, o coordenador da AIBT Serra da Estrela, Lemos dos Santos, e a directora do Museu dos Lanifícios, Elisa Pinheiro.

O representante da UBI começou por referir que "foi o génio e a persistência de Elisa Pinheiro, que levaram a Universidade a transformar o edifício da Real Fábrica Veiga no que hoje é". Um espaço cultural onde o ruído das máquinas e os fumos das fornalhas ecoam pelos longos salões "apenas na imaginação de quem se deixa levar por todos os objectos presentes". Em dia de inauguração oficial, o coordenador dos projectos comunitários que apoiaram financeiramente a edificação do museu referiu também a importância deste espaço. Lemos dos Santos sublinhou o facto "de na zona da Serra da Estrela não existirem, até há algum tempo, estruturas capazes de atrair turistas, para além da própria serra". Em tempo de chuva ou de difíceis condições climáticas, "os turistas não vinham para a região". Actualmente, "com o Museu do Pão, com o Museu do Queijo, com o Museu Judaico, com o Museu dos Lanifícios e com outras tantas estruturas museológicas espalhadas pela região, conseguimos oferecer um vasto leque de atractivos", acrescenta o responsável.

Fios do passado tecem futuro

Foi entre paredes de granito e cantarias decoradas com tecidos manufacturados pelos covilhanenses que Elisa Pinheiro apresentou o novo pólo museológico. Nesta fábrica secular, agora transformada em museu, funciona também "uma importante estrutura que nos permite encabeçar o projecto da Rota da Lã", afirma Elisa Pinheiro. A responsável máxima pelo museu referia-se ao Centro de Interpretação dos Lanifícios. Este laboratório de pesquisa e preservação passa agora a funcionar na Real Fábrica Veiga, centralizando várias acções do museu.

Mas foi mais do novo espaço que a directora falou. Um espaço "constituído por muitos amigos que têm



O novo pólo do Museu conta com vários atractivos

doado e dedicado grande parte do seu tempo e dos seus objectos a esta causa", sublinha Elisa Pinheiro. A mesma diz ainda que "este novo espaço museológico pretende também retratar o avanço que a tecnologia veio introduzir nos têxteis, nos séculos XIX, XX e também no que estamos a viver". Para além do espaço físico que agora se ergue junto à Ribeira da Goldra, o museu "é um equipamento cultural dinâmico".

Um contributo de todos

As doações, a passagem do que é particular para o domínio de instituições, "são uma das bases de apoio de um museu", afirma a responsável pelo Museu de Lanifícios da UBI. Elisa Pinheiro falava sobre a mais recente doação feita ao Museu dos Lanifícios. Trata-se da obra literária intitulada "A Indústria de Lanifícios no Fundão", cujo autor é José Torquato Salvado Travassos. Este cidadão, natural do Fundão, cedeu todos os direitos da sua obra à instituição sediada na UBI.

Um gesto que tem como objectivo ajudar uma obra comum e preservar o que faz parte da cultura de um povo. Esta cedência abrange os direitos de autor e de edição da obra que retrata a indústria de lanifícios naquela cidade da Beira Baixa. Outro dos pontos ainda referidos por José Torquato Salvado Travassos prende-se com a doação de 93 exemplares impressos do seu livro, num valor aproximado de 500 euros. A partir de agora, todos os dividendos editoriais do livro passam a rever para o Museu de Lanifícios.

"Preservar a memória"

Com 95 anos, Maria Julieta Mosaco Alçada de Almeida Ribeiro preserva uma memória impressionante. Agora, à distância de quase um século vê nascer, de novo, o único gerador hidráulico do País, da marca De Nayer. Este monstro de ferro, constituído por um complexo emaranhado de tubos e fornalhas, encimado por uma enorme caldeira que mais o assemelha a uma locomotiva antiga, serviu de gerador para a fábrica Alçada.

Há 90 anos "era capaz de dar luz a toda a cidade da Covilhã". Hoje, mora no novo pólo do Museu de Lanifícios. Maria Julieta esboçou um enorme sorriso ao ver a peça de família que doou ao museu, "completamente restaurada, como nova". As memórias avivaram-se, o barulho produzido pela enorme máquina "quase se tornou realidade". A passagem de testemunho "é uma homenagem que faço ao meu pai", refere Maria Julieta. "Esta deveria ser também a sua vontade", acrescenta a doadora. Esta peça, segundo Elisa Pinheiro, "é única na Europa". Embora existam caldeiras semelhantes, quer da marca De Nayer, quer de outras concorrentes, "não há registo de uma peça igual a esta estar assim tão bem conservada e operacional". O Museu de Lanifícios, que abre agora portas de um novo núcleo obteve em pouco tempo várias doações, os responsáveis agradecem de viva voz e esperam que outras também cheguem, de forma a enriquecer o espólio existente.

ponto de vista

A Covilhã e o Cinema

> Luís Nogueira

A relação da Covilhã com o cinema ficará para sempre marcada pelo surgimento, há dois anos, da respectiva licenciatura na Universidade da Beira Interior. As consequências dessa aposta ao nível da academia e ao nível da região só a prazo, obviamente, poderão ser avaliadas. Mas as estratégias e as expectativas podem ser desde já definidas: o que se pretende que o curso seja e como consegui-lo.

Se de globalização se fala a toda a hora, e se nada nem ninguém desse fenómeno se pode alhear, premente se torna que o curso de Cinema tenha no cosmopolitismo um dos seus propósitos. Com cosmopolitismo quer significar-se uma abertura ao mundo, uma plena assunção do carácter universal das ideias e das práticas cinematográficas. Ainda assim – e de outro modo não poderia ser –, que de forma alguma se ignore a especificidade e o contexto em que o curso existe: numa instituição sediada na Covilhã, num país chamado Portugal. Assim sendo, deve pensar-se na licenciatura em Cinema como uma janela de oportunidades para a cidade e para o País.

Para a cidade, na medida em que seja possível recolher e estimular dos alunos as suas ideias e sensibilidades e com eles enriquecer as práticas culturais da mesma – saiba a cidade responder com estruturas e iniciativas em que aqueles se revejam e se empenhem. Para o país, na medida em que seja possível assegurar um contributo decisivo para a renovação de uma cinematografia que, há demasiadas décadas, reconhece um preocupante divórcio entre as suas obras e o público. Do ponto de vista do ensino, conseguir cumprir tais expectativas implica dotar a academia de indispensáveis recursos técnicos e humanos que assegure aos alunos, quer a consolidação de uma cultura cinematográfica quer a experimentação criativa quer o aprofundamento das faculdades críticas e teóricas – investimento que, para a comunidade, deve ter o devido retorno e repercussão através da prestação de serviços diversos à comunidade.

Mas, sabemos-lo bem e cada vez mais, o ensino formal é apenas uma das partes da formação pessoal dos alunos. Paralelamente à formação académica convencional, importa incrementar a exibição cinematográfica. Por estes dias, realiza-se o 2º Festival de Cinema da Covilhã, iniciativa meritória, indubitavelmente, à qual se pode apenas desejar a consolidação do evento e do conceito. A juntar a esta iniciativa há que referir o Imago e o Novidade, acontecimentos de modelo, envergadura e ambição diferentes, mas inegavelmente necessárias. Desnecessário se torna sublinhar a importância destas iniciativas. Mas, como tem sido fácil notar, torna-se indispensável o reavivar de uma exibição regular de qualidade que permita o contacto com as mais diversas cinematografias e, de algum modo, faça justiça à notável tradição cineclubística da cidade. Neste aspecto, uma palavra importante cabe às diversas instituições locais e ao apoio e investimento – consciencioso, mas imprescindível – que inevitavelmente devem assumir. Todos sabemos que uma oferta cultural estimulante é fulcral para exponenciar sensibilidades e ideias, no fundo para assegurar inventividade e inovação. É pela relevância e adesão às práticas culturais que melhor se pode avaliar o capital de conhecimento existente numa comunidade. Estrategicamente, nunca é demais reforçar a necessidade de políticas culturais devidamente reflectidas, planeadas e abrangentes – e nesse aspecto não é abusivo afirmar que a Covilhã se apresenta nitidamente deficitária.

Estimular a crítica e a inovação é a única estratégia conducente à formação de pessoas capazes de pensar e produzir obras de relevo e oferecer o contributo decisivo atrás enunciado para a renovação do cinema português. Se pensarmos especificamente na UBI, não é necessária uma perspicácia desmedida para identificarmos uma situação de privilégio. A saber: a existência de um conjunto de licenciaturas com forte propensão artística, das áreas do design e do audiovisual, atentos àquilo que são as mais relevantes e pertinentes tendências da comunicação artística e mediática contemporâneas, capazes de mutuamente se influenciar e enriquecer. Quer isto dizer que estão reunidas as condições para a existência de uma verdadeira cultura da inovação e da criatividade num sector – o de conteúdos – que cada vez mais tende a fundir dois conceitos nem sempre facilmente conciliáveis: o mercado e a cultura. E é essa atenção ao mercado que – ainda que resistindo cuidadosamente ao exagerado e pernicioso mercantilismo – deve ser também repensada. No fundo, trata-se de reconhecer que o saber deve estar consciente do seu território e das suas incumbências, mas também das suas consequências e implicações na sociedade que o promove e o reivindica.

Em jeito de conclusão importa então enlaçar as linhas sobre as quais eventualmente se deve pautar a relação futura entre o cinema e a Covilhã: consolidar as estruturas e os recursos indispensáveis a uma formação académica adequada e diversamente orientada; incrementar a exibição cinematográfica de modo a assegurar a densidade histórica da cultura cinematográfica e estimular a lucidez e profundidade crítica quer dos estudantes quer dos cidadãos em geral; criar condições para a concepção, planificação e produção de obras que projectem a nível regional, nacional e internacional competências reconhecidas.